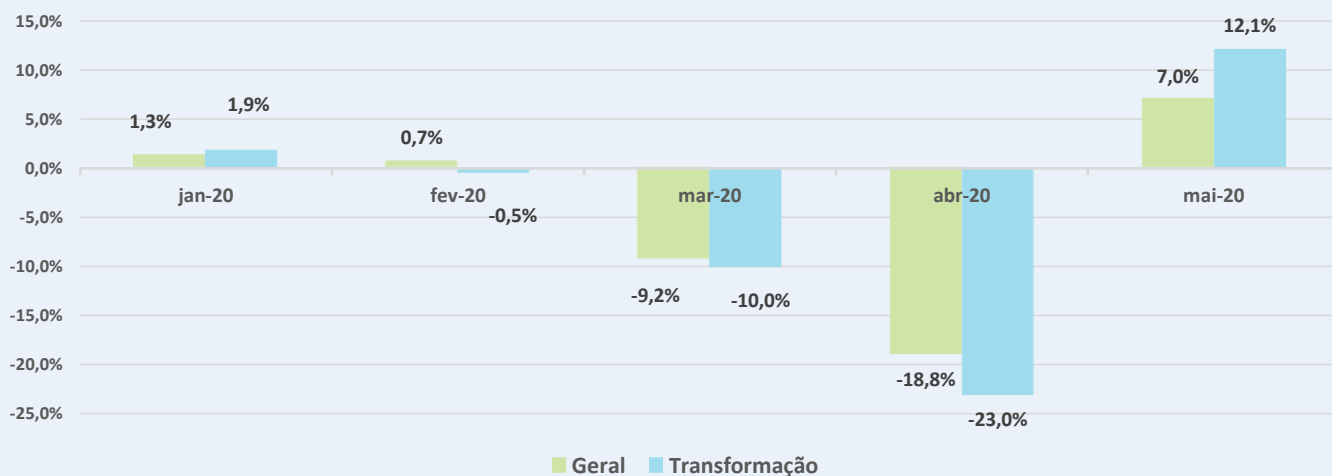


A INDÚSTRIA DEPOIS DO COLAPSO DO COVID19

GRÁFICO Nº 1 - VARIAÇÃO (%) DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL GERAL E DE TRANSFORMAÇÃO DO BRASIL EM RELAÇÃO AO MÊS IMEDIATAMENTE ANTERIOR - DADOS DESSAZONALIZADOS - BCB - ELABORAÇÃO NÚCLEO DE PESQUISA IEL/FIEA



Os dados do gráfico nº 1 deixam claro o em maio foi bem mais modesto econômico, tanto do ponto de vista fiscal expressivo impacto do Covid19 na comparado a queda de 15,1% em abril e como monetário. Pesquisas recentes vem produção das indústrias geral e de de 13,2% em relação a maio de 2019. captando comportamento mais transformação no mês de abril, como Bens de consumo , por sua vez, no cauteloso por parte dos consumidores no também que no mês de maio uma período em análise apresentou as tocante ao impulso de consumo, que aparente recuperação tem início. seguintes taxas: 14,5%, -26,1% e -28,6%, poderá retardar o processo de Comparadas com a produção de respectivamente. O aumento da recuperação econômica uma vez que fevereiro, quando ainda não tinham sido produção, segundo o IBGE, foi puxado este responde por mais de 60% do PIB. adotadas as medidas de distanciamento pela indústria de veículos automotores Ademais, dados do banco Central social, estavam abaixo daquele patamar com alta de 244,4% frente a abril do apontam para crescimento na captação 21,2% e 22,3%, respectivamente. Em corrente ano, assim como dos setores de líquida de poupança reforçando os sinais relação a igual período do ano anterior, bebidas, 65,6%, outros equipamentos de de cautela por parte das famílias.O ICEI as quedas são de 20,4% para a industria transporte, 57,9%, couros e calçados, (Índice de Confiança do Empresário como um todo e de 22% na de 49,7%, e móveis com 49,1%. A despeito Industrial), segundo a CNI, saltou de 41,2 transformação. Apesar do crescimento da melhoria na mediana do mercado pontos em junho para 47,6 pontos em em maio, há um considerável caminho a financeiro para a taxa de retração do PIB julho, um aumento de 6,4 pontos. Esta é ser percorrido para retornar os níveis de industrial brasileiro em 2020, que passa a terceira alta seguida após a forte queda produção anteriores à crise. Do ponto de de -7,5% para -6,9%, parcela significativa para 34,5 em abril, quando despencou vista da produção industrial por categoria do mercado continua apostando em do patamar de 64,4 que se encontrava de uso final, o comportamento é muito queda de 10% e uma pequena minoria em fevereiro. A falta de confiança dos semelhante ao observado para a aumento de 1,9%. Esta expressiva empresários industriais é, basicamente, industria em geral, ou seja, queda dispersão das expectativas é um sinal da influenciada pela situação econômica bastante pronunciada em abril com significativa incerteza que ainda há em atual uma vez que as expectativas com recuperação parcial em maio. No caso da relação ao comportamento da economia relação aos próximos seis meses já são indústria de bens de capital, cresceu nos próximos meses. De maneira geral, a otimistas. Os dados apresentados até o 31,2% em relação a abril enquanto havia sustentabilidade da retomada dependerá momento ainda recomendam certa caído 42% no cotejo com março e 37% do sucesso das medidas sanitárias na cautela quando às previsões, a curto e quando comparada a igual período do redução da taxa de propagação do vírus, médio prazos, no tocante ao ritmo e ano anterior. No tocante a bens associado aos efeitos das políticas sustentabilidade da recuperação da intermediários, o crescimento de 5,2% macroeconômicas de estímulo produção industrial brasileira.

DISPERSÃO DAS EXPECTATIVAS CONTINUA ALTA NO MERCADO

No levantamento semanal realizado pela pesquisa FOCUS/BCB de 20/07/2020, junto às instituições financeiras, observa-se, ainda, uma dispersão muito grande entre as expectativas máximas e mínimas para 2020 quanto à taxa de inflação (IPCA), dos juros básico da economia (selic), do PIB brasileiro e taxa de câmbio (R\$/US\$), entre outras variáveis. No caso do IPCA, as taxas vão de 2,90% a 0,82%; da Selic de 2,5% a 1,25%; do PIB de -3,83% a -10,0%; e câmbio de R\$ 6,0 a R\$ 4,30. Tal dispersão descreve dois cenários. O dos que preveem um cenário mais difícil para a recuperação da economia brasileira. Neste caso, a aposta é que a queda do PIB será maior do que a mediana do mercado, hoje no patamar de 5,95%, a tendência é a inflação se aproximar do piso das previsões aumentando a pressão para a redução da Selic abaixo dos 2,0%. Como a taxa de juros real em junho no Brasil estava em -0,78%, este movimento de queda na taxa básica poderia manter essa tendência, assim como a pressão sobre a taxa de câmbio. Do ponto de vista fiscal, juros baixos e câmbio depreciado contribuem para a redução do serviço da dívida pública e aumento das receitas do tesouro com a valorização das reservas, ativo do Banco Central, aumentando o espaço fiscal. No outro cenário, a economia se

recuperaria em um ritmo mais rápido, as perspectivas de retração da economia em 2020 continuariam diminuindo, o crescimento tenderia a se aproximar do piso da meta de 2,5% para este ano, o Banco Central interromperia a queda da selic no patamar de 2,0% e o real poderia se acomodar no nível de R\$5,0 frente ao dólar. Mesmo com expectativa de déficit primário próximo de 13% do PIB, uma queda menos acentuada da economia, em relação à esperada inicialmente pelo mercado, exigiria um esforço fiscal menor para animar a retomada com reflexos positivos sobre o risco país, uma vez a relação dívida/PIB poderia se estabilizar mais rapidamente. É este cenário e a aposta na recuperação mais rápida da economia internacional, em função da volumosa injeção de liquidez nos bancos pelos Bancos Centrais e nos generosos pacotes fiscais de transferência de renda e subsídios para as famílias e empresas, que tem sustentado a recuperação em V do Ibovespa e das bolsas globais. A maior probabilidade continua sendo da ocorrência do primeiro cenário em função dos seguintes aspectos: i) apesar dos sinais de melhora, com avanços nas pesquisas para o desenvolvimento de vacinas, o controle da pandemia continua desafiando o Brasil e vários países, com risco de segunda

onda não descartado; ii) há bastante dúvida de como os consumidores se comportarão no relaxamento do isolamento social e no pós-pandemia, algumas pesquisas estão captando sinais de cautela nas decisões de gastos das famílias, como também se espera mudanças de hábitos de consumo com reflexos, principalmente, sobre o setor de serviços; iii) não se sabe o impacto estrutural da crise sobre os pequenos negócios que respondem por 30% do PIB brasileiro e por mais de 50% do emprego, este é um seguimento da estrutura produtiva nacional que vem sofrendo muita restrição no acesso às linhas de crédito; iv) níveis elevados de capacidade ociosa da indústria inibem decisões de investimentos reduzindo a tração do nível de atividade econômica; e v) há dúvidas quanto ao processo de ajuste fiscal no pós-pandemia e de seus desdobramentos nas políticas de gastos (manutenção ou não dos investimentos públicos no “Teto dos Gastos”) e receitas (reforma tributária), assim como quanto aos seus efeitos sobre a trajetória da retomada: recuperação ou estagnação. Em síntese, ainda é cedo para se dizer qual o nível de sustentabilidade da melhoria de alguns indicadores econômicos observados a partir de maio.

A PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA EM ABRIL DE 2020

O desempenho da indústria brasileira em maio de 2020 apresentou, com o início do relaxamento das políticas de isolamento social, no levantamento com ajuste sazonal, crescimento de 7%. Na comparação com o mesmo mês em 2019, todavia, a indústria registrou retração de 22% na produção. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), “passada a paralisação inicial de muitas empresas para adoção de protocolos de segurança sanitária e reorganização de processos internos, que contribuíram para o colapso de abril, o desempenho da produção industrial em maio de 2020 compensou parte de suas quedas anteriores. Duas informações, entretanto, apontam para mais alguma recomposição da trajetória industrial nos próximos meses. A primeira delas diz respeito aos estoques, que voltaram a se reduzir e a ficar abaixo do desejado pelas empresas. Isso significa que o acúmulo de estoques não tende a ser um obstáculo à recuperação da produção. A outra

Variações da Produção Industrial - Maio 2020 - %				
	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria geral	7,0	-21,9	-11,2	-5,4
Bens de capital	28,7	-39,4	-21,0	-9,6
Bens intermediários	5,2	-14,6	-6,7	-4,2
Bens de consumo	14,5	-31,0	-17,1	-6,3
Bens de consumo duráveis	92,5	-69,7	-37,1	-14,7
Semiduráveis e não duráveis	8,4	-19,3	-11,2	-4,0
Extrativa Mineral	-5,6	-5,8	-3,1	-6,3
Transformação	12,1	-23,8	-12,3	-5,2

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Elaboração Própria

outra informação favorável é em relação à recente, o nível de utilização se recompôs muito parcialmente, ficando em 60,3%, isto é, ainda longe da média histórica, que é de 80%. Já segundo os dados da CNI, depois de atingir o vale de 67% em abr/20, progrediu para 69,7% em maio, já descontados os efeitos sazonais. Ainda assim, porém, continuou muito abaixo da média histórica do indicador (80,7%) antes do impacto da crise de Covid-19.” Em maio, segundo levantamento mais

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º VICE PRESIDENTE

José da Silva Nogueira Filho

DIRETOR EXECUTIVO

Walter Luiz Jucá Sá

GERENTE UNITEC

Helvio Braga Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL

DIRETOR REGIONAL

José Carlos Lyra de Andrade

SUPERINTENDENTE

Helvio Braga Vilas Boas

COORDENADORA DE INOVAÇÃO E PESQUISA

Eliana Maria de Oliveira Sá

ELABORAÇÃO

Núcleo de Inovação e Pesquisa IEL/AL

EQUIPETÉCNICA

CONSULTORES

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

ESTAGIÁRIOS

Laura Vitória Chagas Lins

Marcus Vinícius de Oliveira Costa Barbosa

Thallyson Eduardo Alves Martins

CONTATO: (82) 2121-3079